

Editorial

Uma antropologia entre estéticas de relação: a Casa como vida.

Álvaro Campelo

Este número da *ANTROPOlógicas*, na sua heterogeneidade temática, obriga a pensar a estética da pertença e do desejo. Uma casa deseja-se e organiza-se para completar um projeto de construção de um local para a vida; uma foto/imagem traduz a vida, entre a ética da responsabilidade, a beleza do horror e a comunicação do mundo. A pertença a uma ideia de mundo, dá segurança a qualquer comunidade, entre partilha de valores e fuga ao quotidiano, na certeza de um sentir comum. Os trabalhos aqui apresentados mostram como se pode pensar e ver a cultura, a comunicação e a prática, com metodologias e objetos de estudo tão diversos.

A casa ultrapassa o espaço arquitetónico e assume-se como espaço de identificação para os que aí habitam, seja na organização desse espaço, seja nos objetos que ‘contam’ histórias e vivências dos residentes (Buchli 2013). Como representa a ‘casa’ o desejo ascensional do projeto familiar e resume uma ‘ideia de vida’ ou está conforme a um comportamento, a uma moralidade, para além da intimidade (Cieraad 2006; Daniels 2015)? Ou seja, estará na ‘casa’ o reflexo de uma vida e de uma prática, sendo ela utilizada pela família que a habita, ou possui, para comunicar algo de si, real ou imaginário (Carsten 2018)? Residir e habitar é dar sentido ao espaço habitado, a casa e o espaço envolvente, recebendo dele sentidos e práticas para interpretar o quotidiano (Ingold 2011). O desejo de residir num espaço que confira identidade, é também a certeza de o querer moldar dentro de um quadro urbano todo ele referenciado por hierarquias de poder (Appadurai 2000; Jackson 2011).

Mas uma coisa é a ‘casa’ enquanto edifício, com todas as características físicas e arquitetónicas, e com todos os sentidos simbólicos a refletir um «status» de classe ou de pertença identitária (Bourdieu 1979); outra, diferente, é a forma como os habitantes se apropriam da casa e como ela é significante para eles. A uma possível distância identitária (dado não ser aquela a casa que sonhavam ou desejavam, ou, ainda, julgarem-se merecedores), pode acrescentar-se uma exagerada identificação, transferindo para a casa e a exibição da mesma, o grande elemento de afirmação do «status» e do seu lugar na comunidade.

María Florencia Blanco Esmoris, em “Habitar la ‘casa’, experimentar la classe”, investiga como a casa, no quotidiano, serve de mediação na negociação da estrutura social e das vivências entre classes (Carrier, Kalb 2015). Todos sabemos das exigências económicas na construção de manutenção de uma casa; sabemos que, muitas vezes, apesar de existência de posses financeiras, nem sempre a construção e a organização do espaço arquitetónico corresponde a uma ideal comum de qualidade e de referência de «status». O mesmo no sentido contrário, quando, apesar de não se ter realizado um excecional gasto financeiro para a construção de uma casa, os donos programam a construção e decoração dentro de parâmetros de qualidade estética que indiciam um «status» económico que não corresponde há realidade financeira da família (Bille 2017). Mas, também aí, essa capacidade reflete saberes e conhecimentos, bem como estratégias de exibição, fruto de uma educação de gosto, bem familiarizada com os paradigmas modernos de beleza e conforto.

A autora introduz o ‘elemento histórico’, dentro do conceito de “experiência vital cambiante”, proposto por Thompson (2012), para analisar como a experiência da casa, ao longo do tempo, varia e serve para entender essa transformação. Ou seja, com o tempo, o espaço habitacional aparece como um palimpsesto de vivências, onde as histórias e estórias da família, tanto da intimidade da família (Olesen 2010), bem como na abertura à comunidade (a casa é também esse espaço de abertura, pois dentro dela acontecem momentos de hospitalidade e de receção), podem acumular-se. E a essas vivências correspondem mudanças na organização do espaço, nos objetos que vieram, que permaneceram ou que saíram de determinados lugares, ou simplesmente desapareceram, por perda de sentido ou por opção, manifestando recusa ou não aceitação dos sentidos que os justificavam. Nesta perspetiva, uma casa funciona como uma linguagem, uma escrita, narrando esses eventos (Ahmed 1999).

Mas se a casa já tem esta complexidade antropológica (Cieraad 2006), a posse de uma casa, num determinado contexto histórico, pode dar-nos conta de sentidos muito para além da necessidade ou desejo de um espaço de proteção e segurança para a família. Em momentos de grande rutura política e social, ou quando às mutações económicas e sociais surgem associados ‘estilos de vida’ bem diferenciados dos vividos anteriormente, a casa funciona como o ‘lugar’ de manifestação dessa rutura político/estética, assim como amostragem e facilitadora da ‘distinção’ (Bourdieu 1979) proporcionada pelo novo estilo de vida.

A autora investe no conceito de ‘classe média’ (Heiman et al. 2012), com todas as determinantes sociais, políticas e geográficas, para além de históricas, dadas à classificação (Carrier, Kalb 2015). E não esquece as indeterminações, havendo incapacidade de avaliar a justeza da sua aplicação em contextos geográficos estranhos à origem do conceito ou à abordagem

ideológica que mereceu ao longo da história, impedindo uma definição homogênea e referencial. O trabalho que nos oferece María Florencia Blanco Esmoris dá-nos conta das grandes transformações na sociedade argentina a partir dos anos 90 do século XX, com crises institucionais e económicas, que levaram às dificuldades da classe média, para quem o ‘mundo’, nesse contexto histórico da Argentina, ficou ‘desarticulado’!

As histórias de vida trabalhadas pela autora dão-nos conta das ‘possibilidades’ e dos ‘acertos’ na gestão de uma casa própria, dentro das contingências económicas e institucionais; das dificuldades e expectativas, dos sacrifícios e das identidades espelhadas na organização do espaço, dos ‘materiais’ arrumados pelas diferentes divisões, talvez sem nexo para o observador, mas reais e sujeitos às vivências quotidianas. E quando investem noutra casa, num outro local, com outra valorização social, as atitudes e identificação alteram-se, coordenando a disposição e abertura das casas por outros critérios, relacionados com um discurso ‘moral/comportamental’ diferente, vivendo situações diversas, numa permuta de identidades, sendo as mesmas pessoas. O ‘projeto casa’, visto como um investimento social e financeiro, preocupa os intervenientes e funciona como uma ancoragem familiar. Os novos estilos de vida e a expectativas gerem a vontade e o desejo, entre a realidade do edifício, os materiais que o compõem e as vivências que proporcionam.

Já o trabalho de Arruda, Barroso e Estrada, com o título “Alan Kurdi – Análise de uma fotografia de imprensa”, oferece-nos uma discussão sobre o poder da imagem, em seus aspetos estéticos, éticos, ontológicos e semióticos. Se o poder da imagética facilmente se percebe ao longo da história humana, o domínio da técnica fotográfica e a exploração da mesma, como fotojornalismo, tem merecido acesas discussões e valorizações. Desde o informar à utilização exibicionista, desde o conceito de ‘decência’ ao de manipulação dos eventos ou exploração da privacidade ou banalização do horror, não faltam abordagens sobre a utilização da fotografia no jornalismo. A grande questão está na legitimação do uso e no sentido do propósito a comunicar. O que fixa a imagem, que mundo representa, que gesto ou ‘momento’ fica para a história ou, ainda faz história?

Mas os autores não se ficam por esta discussão do sentido da comunicação ou do acesso a um evento, fortemente marcado pela realidade das sociedades globais, neste caso o da morte de uma criança refugiada, em fuga com a família para a Europa, vindo a morrer num naufrágio, no mar mediterrâneo. A imagem do corpo de uma criança morta, numa praia junto às ondas do mar, transformou-se no ícone de uma tragédia humana. E aqui, os autores, para além da mensagem, olham para a estética dessa imagem, propondo-se “analisar respectivamente os elementos de uma suposta beleza daquela imagem trágica, as motivações editoriais para publicá-la, o compromisso da mesma com a realidade retratada e as interpretações por parte dos leitores”. Interessa-lhes averiguar a utilização, a responsabilidade do jornalismo nessa utilização e suas obrigações de informar (a ética e deontologia), bem como o campo de leitura por parte dos recetores. Entre a ética e a estética, há influência das nossas expectativas, perante uma imagem, que influenciem a sua interpretação? Os autores propõem ser o jornalismo o espaço para a mediação entre esta tensão, contribuindo, assumindo, assim, uma responsabilidade social no uso e comunicação da imagem.

O artigo “¿Qué es ser fan?: un abordaje sobre el «fandom» de Harry Potter en Argentina”, de Roberta Aller, propõe a aproximação a um grupo de fãs da saga de Harry Potter na Argentina (com relações ao exterior, pela internet), perscrutando uma subcultura definida pela pertença ao ‘mundo de Harry Potter’, no club «fandom». Os interesses literários e a agregação e mobilização de pessoas à volta desses interesses, acrescentados pelas lógicas do sentido de pertença e partilha, justificam estes clubes de fãs, agora alargados à blogosfera, num mundo globalizado. Este sentido de pertença constrói o sentimento de comunidade, familiarizando a interação. O estudo mostra-nos como se processam novos modelos de comunicação e criação do espírito de comunidade nas sociedades do ‘capitalismo tardio’. Depois de fazer uma introdução ao «fandom» na Argentina, a investigação recolhe informação em trabalho de terreno onde nos dá conta deste sentimento de pertença e de partilha, num sentido comum, como se se tratasse de um ritual transformador, desde a agregação ou entrada no clube, até às suas manifestações. Entre as manifestações está a nova identidade do membro, por ter aderido a um ‘ethos’, o ‘algo’ em comum, evidenciado pela aceitação de um conjunto de valores. O «fandom» resulta como oportunidade de partilha e de viver de forma diferente relações humanas, dentro de um diferente ‘modo de ser’.

A metodologia usada nesta investigação, chamada de ‘campo híbrido’ (Prospero 2017), ao conciliar o trabalho de terreno com a pesquisa «online», permitiu aprofundar estas redes de pertença e de relação, cada vez mais digitais e fundadas na partilha de um «ethos» migrante e indefinido localmente, onde cada um pode ‘sentir’ e viver os valores, sem ter de se confrontar com interações mais complexas do quotidiano e das exigências de confronto social. Estar dentro do clube em

situação de membro, permite supor a coerência do sentido de ser fã de um determinado ‘mundo’. Mundo caracterizado pela coerência das referências, por mais fantásticas que sejam, sem ter de sujeitar essa coerência às exigências da diversidade de pertenças da sociedade. Uma forma de reforçar a estabilidade e segurança da vida.

Bibliografia

- Ahmed, S. (1999). Home and away: narratives of migration and estrangement. *International Journal of Cultural Studies* 2(3): pp. 329-347.
- Appadurai, A. (2000). Spectral Housing and Urban Cleaving: Notes on Millennial Mumbai. *Public Culture* 12: pp. 627-651.
- Bille, M. (2017). Aesthetic things. *Home Cultures* 14(1): pp. 25-49.
- Bourdieu, P. (1979). *La Distinction. Critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Buchli, V. (2013). *An anthropology of architecture*. New York: Bloomsbury.
- Carrier, J. e Kalb, D. J. (2015) (eds.) *Anthropology of Class: Power, Practice and Inequality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Carsten, J. (2018). House-lives as ethnography/biography. *Social Anthropology/Anthropologie Sociale* 26(1): pp. 103-116.
- Cieraad, I. (2006.) *At home: an anthropology of domestic space*. Syracuse: University Press.
- Daniels, I. (2015). Feeling at home in contemporary Japan: space, atmosphere and intimacy. *Emotion, Space and Society* 15: pp. 47-55.
- Heiman, R., Freeman, C. e Liechty, M. (2012) (eds.). *The Global Middle Class: Theorizing through Ethnography*. Santa Fé: School for Advanced Research Press.
- Ingold, T. (2011). *The perception of the environment*. London: Routledge.
- Jackson, M. (2011). *Life within limits: well-being in a world of want*. Durham, N.C.: Duke University Press.
- Olesen, B. B. (2010). Ethnic objects in domestic interiors: space, atmosphere and the making of home. *Home Cultures* 7(1): pp. 25-42.
- Prospero, C. di (2017). Antropología de lo digital: Construcción del campo etnográfico en co-presencia. *Virtualis* 7 (15): pp. 44-60.
- Thompson, E. (2012). *La formación de la clase obrera en Inglaterra*. Madrid: Capitán Swing.